



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**CATEGORIZAÇÃO DE PERSONAGEM: UMA ANÁLISE DE “ANGÚSTIA” DE
GRACILIANO RAMOS**

MARIA AUCILENE DA SILVA CARDOSO

**Catolé do Rocha – PB
2016**

MARIA AUCILENE DA SILVA CARDOSO

**CATEGORIZAÇÃO DE PERSONAGEM: UMA ANÁLISE DE “ANGÚSTIA” DE
GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes

**Catolé do Rocha – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C268c Cardoso, Maria Aucilene da Silva.

Categorização de personagem [manuscrito] : uma análise de "angústia" de Graciliano Ramos / Maria Aucilene da Silva Cardoso. - 2016.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes, Departamento de Letras e Humanidades".

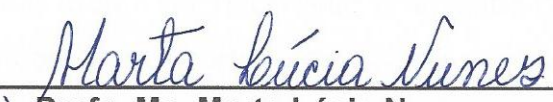
1. Personagem. 2. Angústia. 3. Romance. I. Título.

21. ed. CDD 869.93

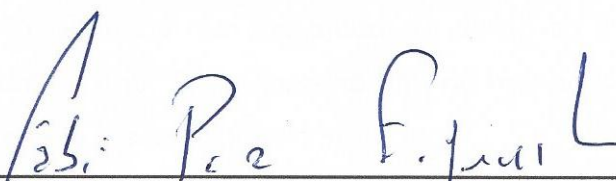
MARIA AUCILENE DA SILVA CARDOSO

**CATEGORIZAÇÃO DE PERSONAGEM: UMA ANÁLISE DE “ANGÚSTIA” DE
GRACILIANO RAMOS**

Aprovado em: 18 de outubro de 2016.



Prof. Ma. Marta Lúcia Nunes
Orientadora – UEPB/CAMPUS IV



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo
Examinador – UEPB/CAMPUS IV



Prof. Me. José Marcos Rosendo de Souza
Examinadora – UEPB/CAMPUS IV

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a meus pais **Tereza e José** que me deram todo apoio necessário para alcançar meus objetivos, dentre eles o Curso de Licenciatura Plena em Letras o qual, sempre almejei.

Ao meu esposo **Edcarlos** que durante todos esses anos, me compreendeu, para que eu pudesse sair deixando nossos filhos e nosso lar, me deslocando ao campus todos os dias, e aos meus irmãos **Jailton, Janilton e Junivan** que sempre me incentivaram a nunca desistir dos meus sonhos.

Aos meus filhos **Ruty e Eduardo** por compreenderem a minha ausência em momentos que era necessário a presença de uma mãe.

A minha querida e eficiente orientadora, **Profa. Marta Lúcia Nunes**, pela dedicação e atenção, no que diz respeito à orientação deste trabalho, aos meus professores e colegas, por todo o conhecimento e amizade que tive o privilégio de construir nessa caminhada e ao corpo administrativo, em especial **Francisco Bezerra Neto**.

Agradeço a todos aqueles que me ajudaram direto ou indiretamente, para a conquista de mais um sonho, que acreditaram na minha força de vontade e capacidade para elaborar o presente trabalho.

Obrigada!

**Aos meus pais, os meus
maiores apoiadores, que não mediram
esforços em me ajudar.
Aos meus irmãos, e aos meus filhos,
que com certeza alegram-se
juntamente comigo pela realização de
um sonho. Dedico.**

O romancista de “Angústia” nos arranca o estômago. Põe-nos meio alucinados, doentes, enraivecidos, nervosos. Todas as sensações juntas ele nos dá. Aí é que está a sua força.

(Jorge Amado)

RESUMO

Da vasta fortuna crítica do romancista Graciliano Ramos, buscamos neste trabalho estudar a obra do autor supracitado, no tocante ao seu livro, o monólogo “Angustia”, escrito na era Vargas, época de grandes revoluções e mudanças no Brasil, quando o país vivenciou a ditadura ou regime militar e transformações culturais e sociais. O romance retrata a perturbação de um homem diante do declínio social, um indivíduo com suas crises existenciais, seus medos, seus fracassos, sua dor e falta de espaço numa sociedade degradada, sem afeto, em meio às mudanças e revoluções. Propomos fazer uma análise da obra “Angustia”, mais precisamente a análise do comportamento do personagem protagonista “Luis da Silva”, sujeito que vive seus dilemas e uma vida cheia de perdas e perturbações, um funcionário público, que é visto como um homem comum, insignificante e sem nenhuma perspectiva de vida. Neste trabalho procuramos compreender o comportamento titubeante do protagonista, tentando entender os motivos que levam o referido personagem a se sentir tão frustrado com o meio social em que vive sua difícil relação com o mundo e os problemas que enfrenta dentro da realidade que o cerca. Para embasamento teórico foram adotados autores como Antonio Candido, Georg Lukács, Albuquerque, Reuter, Otto Maria Carpeaux, entre outros.

PALAVRAS-CRAVE: Personagem, Angústia, Romance.

ABSTRACT

The vast fortune critique of novelist Graciliano Ramos, seek this work to study the above author's work, with regard to his book, the monologue "Angústia", written in the Vargas era, a time of great revolutions and changes in Brazil, when the country experienced the dictatorship or military regime and cultural and social transformations. The novel depicts the disruption of a man before the social decline, an individual with their existential crises, their fears, their failures, their pain and lack of space in a degraded society, without affection, amid the changes and revolutions. We propose to make an analysis of the work "Angústia", more precisely the analysis of the protagonist character's behavior "Luis da Silva," guy who lives their dilemmas and a life full of losses and disturbances, a public official, which is seen as an ordinary man insignificant and without any prospect of life. In this work we tried to understand the faltering behavior of the protagonist, trying to understand the reasons why this fortification to feel so frustrated with the social environment in which he lives, his difficult relationship with the world and the problems it faces in the reality that surrounds it. For theoretical background were adopted authors such as Antonio Candido, Georg Lukacs, Albuquerque, Reuter, Otto Maria Carpeaux, among others.

KEY WORDS: Character, Angústia. Romance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CATEGORIA PERSONAGEM NA LITERATURA	12
1.2 A construção do personagem e a verossimilhança	13
2 ANÁLISE DO ROMANCE “ANGÚSTIA”	16
2.1 Linhas principais do romance “Angústia”.	17
2.2 Análise e categorização do personagem	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

INTRODUÇÃO

A semana de arte moderna de 1922 ocasiona na literatura brasileira um grande avanço, com a quebra e rompimento dos padrões e moldes coloniais, a literatura brasileira conquista a autonomia para criar sua própria literatura, surgindo assim, vários romancistas que adotam o seu próprio modelo de escrita. Nessa época também ocorre à divisão da literatura do nordeste e a literatura do suldeste, com essa divisão da literatura, os escritores e romancistas da época e passaram a escrever a respeito de sua região, baseado no comportamento e contexto socioeconômico, histórico e regional, concebendo assim, o romance de 30 ou segunda geração Modernista, a qual foi considerada um divisor de águas ou acontecimento bastante importante para a Literatura brasileira proveniente do grito e progresso da literatura modernista, que atingiu uma condição mais potente e moderna, voltada par as questões sociais e humanas, responsável por alçar a produção literária a novos patamares.

A literatura de 30 abarcou muitos os romancistas da época, dessa forma a literatura foi dividida em vários subgrupos que buscavam a fundo o reconhecimento do ser humano com seus percalços e devaneios, em meio às transformações sociais, bem como a questão econômica e o poder da classe republicana. Surgiram nessa época vários tipos de romance, tais como social, regionalista, de esquerda, engajado, revolucionário, intimista, psicológico, etc., os quais tinham como um dos principais objetivos construir uma identidade individual para cada região, e/ou fazer uma critica social ferrenha.

Nessa época, foram publicados os romances regionalistas de Graciliano Ramos, que buscavam retratar um nordestino calejado pelo sofrimento em meio às desigualdades sociais, fuga do sofrimento causado pela seca no sertão e descaso por parte dos governantes. Nas obras “Caetés”, “São Bernardo” e “Vidas secas”, o romancista aborda muito a temática regionalista, pertencente à segunda fase do modernismo, marco conhecido como romance de 30.

Graciliano Ramos apresenta seus personagens como homens simples sofridos com a falta de água e pela falta de amor, seres tímidos e fracassados na luta pela sobrevivência e endurecidos com o descaso e falta de humanidade.

Com base nessas considerações, surgiu o interesse em analisar a obra “Angústia” de Graciliano Ramos, escrita em 1936, no cárcere, a mesma apresenta Luís da Silva, narrador-protagonista dilacerado entre necessidades e sentimentos. Nesta análise compete à caracterização do personagem Luiz da Silva, protagonista do romance em questão, funcionário público que vive uma vida pacata e sem motivação.

Nesse trabalho discutimos o comportamento do personagem acima citado, suas dificuldades em meio à sociedade em evolução, mudanças e desencanto. Adotando como principal aporte teórico o livro “A personagem de ficção” de Antonio Candido et al, como também em considerações de teóricos e críticos no tocante a obra em análise, evidenciamos que Graciliano nos mostra um homem totalmente real e depressivo que vive a margem da sociedade, buscando sobreviver em meio ao desencanto de uma sociedade corrompida e degredada.

Sabemos que literatura e sociedade mantêm uma relação de interação dinâmica. É o que nos diz Roger Samuel: (2000, p. 14): “O artista exprime a realidade, a História, a literatura é um reflexo do processo da História. A arte não só reproduz a realidade, mas dá forma a um tipo de realidade [...]”. A arte não se trata de uma reprodução mecânica da realidade. Entendemos que a arte articula a relação de um referencial de mundo e de mundos alternativos. Dessa tensão pode nascer a um só tempo, crítica e utopia.

No rastro das leituras da estética marxista, para Samuel (2000) A literatura ficciona o real, com o intuito de quebrar o privilégio exclusivo da realidade em camuflar o que é real, porque a realidade na verdade está mascarada, mistificada, alienada e não mostra o que é realmente real, já a literatura possui a função de denunciar é mostrar uma realidade estupidamente real. Sendo assim a literatura exerce uma funcionalidade, a de procurar desvelar a realidade, já que a reificação da realidade em desencanto produz o efeito de alienação entre o homem e o mundo. É necessário evidenciar as falsas ideologias para que o homem encontre, em termos adornianos, a sua essência perdida. Aliás, essa relação de aparência e essência entre a arte e o mundo, é um dos requisitos do regionalismo de Graciliano Ramos em sua obra.

As contribuições de Antonio Candido são significativas em torno da literatura e sociedade. O crítico enfatiza a relação dialética e não mecânica dos elementos externos e internos que estruturam a obra literária. Ele escreve: “O externo (no caso,

o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. (CANDIDO, 2000, p. 4). Importa perceber o princípio dinâmico e geral que se estabelece entre a relação da obra e sociedade. Não se trata de vincular o sentido da obra aos fatores externos, isso, aliás, seria mero Sociologismo. A ideia é entender como os fatores extra-literários ou contextuais são transformados e assimilados através da forma artística.

Dessa forma podemos perceber que Graciliano buscou mostrar um homem que se movimenta e vive no terreno movediço da ambiguidade, totalmente deslocado no tempo e no espaço saudosos de uma época quase mítica, Por outro lado o sentimento de angústia diante das desordens sociais da época, que caracteriza um profundo caráter de contestação cultural e de renovação político-sociais, representados na Semana de Arte Moderna e na Revolução de 1930, por outro a dor particular do autor, quando escreveu a obra no cárcere.

1 A CATEGORIA PERSONAGEM NA LITERATURA

O romance no final do século XVIII e começo do século XX, conquista sua legitimidade e impõe-se como gênero literário, absorvendo um público leitor mais diversificado e se expande de forma significativa. Essa conquista também é alcançada pelo mecanismo chamado descrição dos personagens e das engrenagens sociais.

Segundo Reuter (2004, p. 30):

[...] O romance fundamenta-se na escrita, na prosa, na língua vulgar e manifesta-se nos “interstícios” dos gêneros nobres, às margens das regras. Ele se desenvolve nos séculos seguintes, relacionado às mudanças sociais (laicização da sociedade, conflitos, novas concepções de tempo e do indivíduo...), á diversificação da escrita e a elaboração de uma consciência literária (originalidade, criação) [...]

Da mesma forma, o personagem do romance se diversifica socialmente e se desenvolve através do contexto, traços físicos e psicológicos, obtendo a possibilidade de transformação na trama da narrativa entre o começo e o final do romance, mostrando que possui um papel essencial na organização das histórias e no enredo. “[...] não cumprem apenas destinos heroicos, mas vivem, às vezes, existências miseráveis”. Seus valores opõem-se de modo mais complexo [...] (REUTER, 2004, P. 24).

O personagem é primordial no desenrolar e construção do romance, é a alma da ficção, é a personagem quem dá vida e essência a trama. Como afirma Candido (2009, p. 13) “É, porém o personagem que com mais nitidez torna patente à ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza”.

No romance o personagem se distingue das outras, pela forma de mediação e comportamento, ganhando vida através da narrativa, o leitor tem acesso direto à consciência do personagem, conhecendo seus pensamentos, dilemas e devaneios.

Dessa forma Lukács (2000), afirma que os personagens do romance: buscam algo que tramita paulatinamente no âmbito psicológico do ser com o intuito de recriar o real de uma forma irreal, o personagem busca trazer a luz mecanismos e fatos, revelando que nem os objetivos nem os caminhos podem ser mostrados nitidamente, pois se forem dados desse modo seria somente um fato psicológico sem correspondente necessário no mundo dos objetos ou no das normas.

Portanto, o personagem ocupa um lugar principal no romance e nas demais formas de ficção, pois o mesmo permite manifestações simples e complexas na narrativa. Cristovão (1975, p. 69) afirma:

É no tempo, entendido como espécie de rio largo e caudaloso (o rio de Haráclito), que as personagens evoluem em sucessão contingente, aproximando-se ou afastando-se dum ponto de referência que é o presente, origem de toda temporalidade. Tempo que envolve as várias maneiras, e que impõe também como necessário a compreensão realizada pela leitura, permitindo, ao narrador que as várias combinações possíveis, do tempo dos acontecimentos, como o tempo da narração e o tempo da leitura manifesta, com maior ou menor riqueza e complexidade, as personagens e acontecimentos do romance.

O personagem possui elementos essenciais para a construção, função e interpretação de uma obra ou romance, desde o enredo, narrativa, narrador, autor e leitor. Instigando-os à criação e jogo de comportamento, espaço, contexto, tempo e linguagem. Aristóteles (1998) apresenta o personagem como reflexo da pessoa humana e como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto.

1.1 Construção do personagem e a verossimilhança

A categoria personagem foi criada na Grécia, desde as tragédias clássicas, comédias e mitos gregos, se fazendo presentes, dando alma e significado as tragédias, tragicomédias e comédias com a função de mostrar uma realidade. “No caso da personagem de ficção, é também nesse momento que se vai encontrar o início de uma tradição voltada para o conhecimento e a reflexão dessa instância narrativa” (BRAIT, 1985, p. 29).

O conceito de personagem está totalmente ligado ao fazer artístico, bem como a existência desses fazer artístico, ou seja, conceito e função estão interligados desde o ser, quanto o fazer. Como explicita Brait (1985, p. 29):

Tanto o conceito de personagem quanto a sua função no discurso estão diretamente vinculados não apenas à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos de existência e do destino desse fazer. Pensar a questão do personagem significa, necessariamente, percorrer alguns caminhos trilhados pela crítica no sentido de definir seu objeto e buscar o instrumental adequado à análise e à fundamentação dos juízos acerca desse objeto.

Por mais incoerente ou simples que seja o personagem do romance ou da literatura, o mesmo consegue apresentar-se de tal maneira, fazendo com que o leitor vivencie suas ações, seus percalços, seus desejos e sonhos, dentro do contexto no qual se encontra inserido. “O cinema e o teatro apresentam muitos aspectos concretos, mas não podem, como a obra literária, apresentar diretamente aspectos

psíquicos, sem recurso à mediação física do corpo, da fisionomia ou da voz.” (CANDIDO, 2009, p. 9).

Para se conhecer ou conceituar um personagem é preciso conhecer o conceito de *verossimilhança interna de uma obra* de Aristóteles, como também a *imitação do real*. Esses aspectos marcaram a tradição literária e para se conhecer e analisar uma obra e/ou personagem é importante, pois segundo Aristóteles não cabe à narrativa ou a literatura reproduzir o que já existe, e sim criar possibilidades a partir de uma seleção do que é realidade. Como podemos perceber a seguir:

Não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem em verso ou prosa (...), diferem sim em que diz um as coisas que sucederam, e o outro as coisas que poderiam suceder. Por isso a poesia é mais filosófica e mais elevada do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Referir-se ao universal, quero eu dizer: atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa à poesia quando põe nome às suas personagens. (ARISTOTELES, 1998, p.117).

Dessa forma, o narrador deve criar possibilidades de caminhos e o momento posterior é do espectador que tem a incumbência de assimilar os traços e identificar o protagonista, seus desejos e sonhos espera que a narrativa desempenhe, bem como o personagem, o seu versado destino. Assim sendo, as impressões e surpresas cabem à junção das ações e desenvoltura lógica do personagem em suas trajetórias de comoventes e envolventes aventuras. Segundo Kayser (*apud* Candido 2009, p. 13): “A consciência do caráter ficcional não tem sido sempre nítida, no século XVI os leitores de romance não tinham a noção nítida de que os enunciados respectivos eram fictícios.”.

Segundo Candido (2009) o texto literário, mesmo sem os autores atentarem para os aspectos da verossimilhança do mundo imaginário o texto pode alcançar tamanha força de convicção que mesmo sendo ficcional são apreciados como real ou remete a acontecimentos e comportamentos reais.

2 ANÁLISE DO ROMANCE “ANGÚSTIA”

A obra *Angústia* de Graciliano Ramos foi escrita em uma época de grandes revoluções e conflitos, na década de 1930, época em que Vargas era presidente do Brasil, também conhecida como “Era Vargas”, período em que o Brasil estava no auge das revoluções. Graciliano nessa obra expõe um homem frustrado e oprimido, que perante a confusão, desordem e confrontos sociais e humanos, se sente vencido pelo fracasso e vive uma experiência amarga e entediante, de um ser solitário sem amparo e sem amigos.

Para Bosi (1994, p. 400-401):

Angústia foi à experiência mais moderna e até certo ponto marginal de Graciliano Ramos e que "tudo nesse romance sufocante lembra o adjetivo 'degradado' que se apõe ao universo do herói problemático; estamos no limite entre o romance de tensão crítica e o romance intimista. Foi a experiência mais moderna, e até certo ponto marginal, de Graciliano. Mas a sua descendência na prosa brasileira está viva até hoje"

O monólogo *Angústia*, romance memorialista de Graciliano coloca em discussão um tema bastante estudado e evidente na nossa literatura, a questão da angústia profunda do ser e melancolia que desde a antiguidade clássica vem sendo debatido, onde o ser diante da degradação da sociedade e descasos, mudanças, perturbações, descasos por parte da classe política para com os mais necessitados, abandono e transtornos existenciais, diante da putrefação do sonho e da esperança, desenvolve a melancolia ao contemplar o mundo em transformação e declínio social e humano.

O livro *Angústia* é considerado pela crítica o romance mais complexo de Graciliano Ramos e também o mais envolvente e voltado para a psicologia humana. Candido (2006, p. 11) comenta que em uma carta para este, Graciliano diz que “escreveu o livro “Angústia” em tempo de perturbações, mudanças, encrencas de todo o gênero, descrença, abandono, falta de afeto e entusiasmo”. Na carta Graciliano fala que:

[...] Ao reeditar “Angústia”, encontrou “defeitos horríveis com muitas repetições desnecessárias, um divagar maluco em torno de coisas bestas, desequilíbrio e excessiva gordura”. Além disso, ele diz que seria indispensável “recompor tudo, suprimir excrescências, cortar pelo menos a quarta parte da narrativa” (CANDIDO, 2006, p. 11)

No romance não há um resgate de um passado glorioso, como na obra *Infância*, em “Angústia” Graciliano constrói a obra a partir das ruínas sociais e degradação da vida humana, mostrando que é capaz de unir fatos da vida individual com as engrenagens sociais, o meio social influencia o individual, ou seja, o social dialoga com o individual. O escritor, embora não conserve o passado no sentido de repeti-lo, busca reviver o passado no intuito de redenção de seus conhecimentos empíricos basilares na figura do protagonista que se apresenta de forma preconceituosa, no que diz respeito à figura da mulher, mas também mostra a sua insatisfação com o mundo sem oportunidade de crescimento intelectual, humano e social que o cerca.

Na narrativa de “Angústia” falta tranquilidade e paz, apresenta um narrador-personagem doente, alienado e perturbado, retrata também um ambiente empoeirado das repartições, o tédio do espaço privado e o medo que atordoa as ruas, caracterizando a desordem vivenciada pelo momento histórico e social no qual o escritor fazia parte, ou seja, no contexto das revoluções e mudanças comportamentais e estruturais em que o Brasil vivia.

A obra é um reflexo da realidade do contexto no qual o autor estava vivendo, visto que, o mesmo compôs o romance quando estava no cárcere preso, sem poder viver suas inquietações e seus desejos. Alguns críticos afirmam que a obra em questão é uma espécie de autobiografia, por tratar desse aspecto e do momento no qual Graciliano estava vivendo.

2.1 Linhas principais do romance “Angústia”

O romancista Graciliano Ramos nasceu no ano de 1892 na cidade de Quebrangulo no estado de Alagoas. Viveu muito tempo nos sertões do nordeste, tendo sido prefeito da cidade de Palmeira dos Índios. Em 1933 mudou-se para

Maceió onde exerceu o cargo de diretor da Imprensa oficial e instrução pública de Alagoas e marcou sua estreia na literatura com o romance *Caetés* (1933).

Junto com os escritores Raquel de Queiroz, José Lins do Rego e Jorge Amado, Graciliano Ramos buscou formar uma identidade regionalista, tentando mostrar o descaso das autoridades políticas da época no que diz respeito ao sofrimento do povo nordestino em virtude da seca e engrenagens sociais, marcando assim a literatura de trinta com os romances regionalistas.

Os romances regionalistas fazem parte da segunda fase do modernismo brasileiro e traz como característica principal o “regionalismo brasileiro”, que é a “relação do homem com o meio em que vive”, ou seja, a relação do eu com o mundo. No romance regionalista, os autores retratam a realidade, sob o ponto de vista crítico das relações sociais, a relação do indivíduo (das personagens) com as engrenagens sociais do meio em que vive.

Graciliano Ramos criava imagens ligadas à região nordeste e ao sofrimento do povo nordestino, diante do descaso e desamparo por parte dos políticos da época, na tentativa de dar voz ao sertanejo sofrido pelas injustiças sociais. Graciliano Ramos, em suas obras trouxe uma moral social, na tentativa de criar uma identidade nordestina e denunciar a problemática causada pela seca, Problemas como: fome, miséria, fuga, onde a população nordestina por causa da falta de chuva imigrava para a região sudeste e sul do Brasil em busca de melhorias de vida, como também, mostrar o drama pessoal e coletivo vivido pela população por causa dos descasos dos governantes.

O romancista Graciliano mostra um sertanejo puro, sincero, autêntico, incorruptível, valente, um ser digno. O único capaz de transformar a sociedade capitalista da época, apesar dos problemas enfrentados com a seca, o escritor destaca que, só a seca era capaz de quebrar a ordem natural desse sertanejo.

Como afirma Albuquerque Jr (2001, p. 143):

Um homem capaz de entender a natureza e ser entendido por ela. Homem bom e paternalista, que protege os mais fracos, que respeita a família, que vê o mundo a partir dos valores tradicionais sertanejos. Sertão do respeito filial dos empregados aos patrões, das senhoras carregadas de cadeirinhas por seus moradores, da terra que se ama como corpo querido, mas que também possuía males como a seca, a fome, o desprezo, a doença, as longas existências miseráveis.

Diante de tais observações, podemos afirmar que os personagens do autor em questão, eram seres humanizados, apesar de todas as misérias sociais que os cercavam, eles viviam com a confiança de mudança e viviam na luta pela construção de uma ordem social. Para Graciliano a seca era uma fatalidade que desorganizava toda a rotina da sociedade nordestina. E tinha o cenário “Sertão” como lugar do verdadeiro caráter nacional, dono de uma sensibilidade comunitária, familiar e orgânica, onde os valores e os modos de vida se contrastam com os da civilização capitalista da modernidade.

Graciliano Ramos veio mostrar por meio do personagem Fabiano, em sua obra, *Vidas Secas*, um sertanejo mais calejado pelas injustiças sociais e mais selvagem, separado da sociedade capitalista, um homem endurecido por causa das tiranias da sociedade da época, mas apesar de atribulado com a miséria em que vivia era um ser digno, de bom coração e valente, que lutava por melhorias de vida.

O autor acima citado aborda a seca e a questão dos retirantes que saíam de um local assolado pelas mazelas causadas pela falta de chuva à procura de melhores condições de vida, em locais beneficiados pela chuva.

Segundo Albuquerque Jr, (2001, p. 121):

A imagem do Nordeste passa a ser pensada sempre a partir da seca e do deserto, ignorando-se todas as áreas úmidas existentes em seu território. A retirada, o êxodo que ela provoca, estabelece uma verdadeira estrutura narrativa. Uma fórmula ritualista de se contar uma fuga de homens e mulheres do sertão que lembra a própria narrativa cristã da saída dos judeus do deserto. As estações das desgraças crescentes vão se sucedendo até se chegar ao litoral ou a terra prometida do sul.

Dessa forma, Graciliano narra ainda o sofrimento de Fabiano figura sertaneja e sua família durante sua retirada de um local para outro, nos fazendo lembrar a peregrinação do povo de Israel no deserto.

Graciliano é considerado um dos maiores romancistas modernos, visto que seus romances são conhecidos como tensão crítica, ou seja, o herói opõe-se e resiste ao meio natural e social, meios que ferem e marca de modo irreversível o comportamento de seus personagens. Segundo Otto Maria Carpeaux Graciliano Ramos possui um estilo, que enriquece a crítica sociológica, pois o mesmo traz um

olhar crítico perante a sociedade, mostrando uma sociedade categoricamente perversa, podre e pobre amor para com o outro.

Carpeaux (1993, p. 113) descreve o estilo de Graciliano Ramos como:

[...] Muito meticuloso. Quer eliminar tudo o que não é essencial, as descrições pitorescas, o lugar-comum das frases-feitas, a eloquência tendenciosa. Seria capaz de eliminar ainda páginas inteiras, capítulos inteiros, eliminar os seus romances inteiros, eliminar o próprio mundo: para guardar apenas aquilo que é essencial, isto é, conforme o conceito de Benedetto Croce, o elemento “lírico”.

Nos livros “Caetés”, “São Bernardo” e “Vidas secas”, o autor explora muito a temática regionalista, pertencente à segunda fase do modernismo, marco conhecido como romance de 30. Os personagens de Graciliano se apresentam como homens simples tímidos e fracassados na luta pela sobrevivência. Mesmo depois de seu primeiro romance, “Caetés”, que forma o ciclo nordestino, seus outros protagonistas continuavam sendo heróis frustrados diante das engrenagens sociais da época.

No livro *Angústia, corpus* de nossa pesquisa, percebe-se que o autor expõe um ser que possui uma vida superficial e monótona e um interior completamente reprimido de um homem, que vive uma angústia existencial agônica um ser melancólico e tímido, oprimido pelo descaso e desventuras da vida, que sente apenas uma vontade de ser “normal”. Para ajudar a conhecer esse protagonista, Antônio Candido (2006, p. 114) explica que são:

[...] homens acuados, tímidos, vaidosos, hiper-críticos, fascinados pela vida e incapazes de vivê-la, desenvolvendo um modo de ser de animal perseguido. Como tudo lhes parece voltado contra eles (e tudo neles parece insatisfatório, mesquinho).

Dessa forma, Graciliano Ramos constrói em seus romances retalhos de vidas, compostas por vários pedaços, que de acordo com a trajetória, vão formando teia angustiante, sombria e confusa que faz com que o protagonista se perca e fracasse em sua trajetória. Tornando-se seres deprimidos por causa das injustiças sociais, em que lhes faltam ousadia, dinheiro e posições sociais.

2.2 Análise e categorização do personagem

O romance "Angústia" é considerado pela crítica como a melhor obra de Graciliano Ramos, por ser um monólogo memorialista que o torna inesquecível e perturbador, no romance em questão não há divisão estrutural em capítulos. É escrito como um estilo de fluxo confessional, um relato de arrependimento, uma confissão de um homem desesperado diante do contexto no qual está vivendo.

A narrativa não flui como nos romances anteriores. Constrói-se aos poucos, em fragmentos, num ritmo de vaivém entre a realidade presente, descrita com saliência naturalista, a constante evocação do passado, a fuga para o devaneio e a deformação expressionista. (CANDIDO, 2006, p.80).

"Angústia" consiste em um romance que trabalha as relações sociais no que compete ao momento de mudanças o qual a sociedade estava sofrendo, as transformações de sistemas e comportamentos, bem como no âmbito existencial, psicológico e até metalinguístico, representado pela opressão, rebaixamento e dificuldades vivenciadas pelo protagonista Luís da Silva. Para Ramos (1981, p. 30):

Esse sufoco exige para o ser social, para o ser intelectual Luís da Silva um espaço amplo, um chão mais largo. É que Luís da Silva, intelectual acuado não está só em Palmeira dos Índios, nem só no nordeste. Está no Brasil, na América Latina e em todos os lugares, onde existe opressão para o exercício o pensamento.

O protagonista Luís da Silva é um indivíduo que vive a margem da sociedade e se sente oprimido pelo contexto social no qual vive, "falta-lhe tranquilidade, falta-lhe inocência", e se sente feito "um molambo que a cidade puniu demais e sujou". (RAMOS, 1998, p. 20).

Luís da Silva é um funcionário público, que não tem relação com o mundo ao seu redor reside num bairro periférico muitas condições básicas de vida, e sem nenhum conforto. É um ser revoltado com a situação a qual vive, mas se sente acuado por não poder lutar. Como podemos perceber no trecho do romance em questão (Ramos, 1998, p. 7):

[...] julgo que ainda não me restabeleci completamente. Das visões que me perseguiam naquelas noites compridas umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios. Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, vão gemer peditórios: vão gritar exigir, tomar-me qualquer coisa. [...] Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram.

Além de trabalhar o dia todo na repartição, à noite, para ganhar uns trocados, escreve textos sob encomenda para um jornal. “À noite fecho as portas, sento-me à mesa da sala de jantar, a munheca emperrada, o pensamento vadio longe do artigo que me pediram para o jornal.” (RAMOS 1993, P. 8).

Essa obra de Graciliano retrata um homem que fracassa em meio às dificuldades que a vida lhe proporciona e com isso, perde sua fé, a coragem de lutar contra a opressão e escolher se esquivar da luta pela sobrevivência em um em desencanto, tem a “tendência de esquivar-se de lutas e conflitos existenciais, e não acolhê-los, a tendência de liquidar na alma tudo quanto se reporta à própria alma” (LUKÁCS, 2000, p. 118).

A personagem aceita ser rejeitado e oprimido e se entrega ao desencanto e ao pessimismo e muitas vezes o personagem apresenta apatia diante dos descasos e repressão social, pela classe dominante, esse personagem tem dificuldade de se relacionar e de lutar pelo o que deseja, por medo de ser rejeitado, daí o sentimento de culpa por negar-se a luta e vive um conflito existencial. Como explicita Candido (2006, p.114):

[...] um ser social, ligado à necessidade de ajustar-se a certas normas convencionais para sobreviver, e um ser profundo, revoltado contra elas, inadaptado, vendo a marca da contingência e da fragilidade em tudo e em si mesmo. Daí a incapacidade de viver normalmente e o nascimento do senso de culpa, ou autonegação.

Através do personagem Luís, Graciliano tece uma profunda análise psicológica da realidade social a qual o protagonista é participante, bem como o individualismo moderno, no qual o indivíduo se resguarda na luta pela sobrevivência, ao mesmo tempo, reflete a conturbação da alma humana, a impossibilidade de estabelecer-se concretamente a personalidade dos indivíduos.

O romance é pura memória, uma espécie de diário onde se registra, de forma desordenada, alucinada e aleatória os fatos que marcaram psicologicamente o narrador-protagonista. Somado a culpa que sente pelo ato de homicídio cometido contra o rival Julião Tavares “um sujeito gordo, vermelho, suado, bem falante, de olho abotoado” (Ramos, 1981, p. 30), que tomara teu amor e a mágoa que, pouco a pouco, transforma-se em rancor contra a mulher que um dia amou (ou apenas desejou) e quis para si. Como podemos perceber no trecho a seguir:

Marina recebeu os panos iriamente, insensível ao sacrifício que eu fazia, aquela ingrata. Se eu não tivesse cataratas no entendimento, teria percebido logo que ela estava com a cabeça virada. Virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meia de seda. (RAMOS, 1993, P. 89)

Luís confessa que, sente nojo de pessoas do tipo Julião Tavares que tira proveito de situações, sem pensar nos sentimentos alheios, quando diz: “tenho horror às apresentações, aos cumprimentos, em que é necessário apertar a mão que não sei onde andou a mão que meteu os dedos no nariz, ou mexeu nas coxas de qualquer Marina” (RAMOS, p. 155).

No fundo o protagonista Luís da Silva sentia inveja do Julião Tavares, pois este possuía tudo o que aquele desejava a pesar de Julião abusar das garotas que pensava ser dono, e depois de tê-las as deixavam desprotegidas, abandonadas e envergonhadas. “Por isso é necessário matá-lo, esconjurar a projeção caricatural dos próprios desejos, que o reflete como um espelho deformante” (CANDIDO, 2006, p. 116). Matando o rival que vive o que ele deseja o protagonista de Angustia vinga seu passado, como uma forma de seguir a tradição familiar, se tornando mais forte que o seu avó, pois o mesmo não foi o mandante, foi o executor do crime. Segundo Cristóvão (1975, p. 85):

Luís da Silva está mais livre, e o tempo que predomina no seu relato, tempo interior que avança em ondas conduzidas pela memória involuntária e entregue a associações dinâmicas [...] Angustia é a história do estado de alma dum humilhado que se liberta.

Tomado pela inveja e embebido no rancor pelo seu rival, Luiz planeja a morte de Julião e a executa dando o desfecho na história mostrando uma dicotomia

presente na obra onde um ser fracassado, um ser sem nenhuma coragem, acaba na cadeia, pesado de remorsos e tratado como “bicho”, por matar a imagem do que desejava ser, seu crime o levou a prisão real, onde residem os excluídos da sociedade, os marginalizados bem como, ocasionou a liberdade por ter vingado a figura do opressor real e psicológico o protagonista.

A prisão no romance é mostrada de duas formas quando o Luís se torna réu de um crime e em toda narrativa, quando ele é aprisionado pelas situações e falta de ações, que se torna pior que a primeira. Ramos (1981, p.30) expõe:

A prisão é a mesma, se não pior. Não existe possibilidade de identificação do seu trabalho com o mundo que o esmaga, e das suas aspirações com a realidade vigente. Ele não consegue se colocar em setor algum da sociedade: não há lugar, tudo repleto, impossível de entrar. Também para que, se não há saída?

Luís da Silva é considerado pela crítica como o personagem mais profundo de Graciliano Ramos, pois o mesmo narra um monólogo intrínseco retratando seus pensamentos, suas confissões e seus conflitos existenciais, transmitindo-nos todos os sentimentos de revolta e perturbação diante da realidade ou angústia do ser ao contemplar a degradação da humanidade, e também fazendo-nos compreender sua forma estética e íntima em relação entre literatura e sociedade, instigando a reflexão referente à relação do eu com o mundo e sobre o mal estar do homem na sociedade degradada pela falta de humanidade do ser humano, bem como, as engrenagens causadoras das desigualdades sociais.

O romance memorialista “Angústia” faz de Graciliano Ramos um dos melhores e maiores escritores da literatura brasileiros, que além de fazer uma reflexão sobre a política da época, o autor traça um paralelo entre literatura e vida real, mostrando que a arte imita a vida, e faz de sua obra um grito social, dando voz ao oprimido e a classe desfavorecida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *corpus* da nossa pesquisa nos permite refletir sobre as engrenagens e transformações sociais. Trata-se de uma obra que retrata as confissões de um funcionário público problemático, medíocre, angustiado, fruto de uma sociedade capitalista, que não faz parte direta desta.

Apesar de Luís da Silva viver numa sociedade petrificada, que visa o ter e não o ser, é um indivíduo que possui a alma boa, que apenas se vê inconformado com o seu destino, com as injustiças do mundo e com ele mesmo. O fato de viver num mundo civilizado e repleto de pessoas egoístas e mesquinhas o torna um indivíduo à margem, afastado socialmente.

O protagonista de “Angústia” não confia muito nas pessoas e considera todos do seu trabalho como inimigos, pelo fato de o mesmo não pertencer a uma classe de alto escalão ou de boas condições financeiras. Mas, o maior inimigo do Luiz é o seu rival Julião Tavares o qual rouba Marina, mulher dos sonhos de Luís e acaba sendo assinado pelo protagonista problemático de “Angústia”.

Outro aspecto relevante na obra objeto de estudo é que a mesma aborda temas voltados para os conflitos existenciais da alma humana, discutindo o psicológico humano, seus devaneios, desejos e loucuras, bem como, engrenagens que comportam a construção da história da literatura no âmbito da literatura regional, quanto na literatura universal.

Graciliano Ramos traz à luz uma realidade crua e perturbadora, mostrando o ser humano real com seu comportamento cheio de lacunas e com essa estratégia provoca no leitor um interesse em conhecer e explorar mais a literatura brasileira, especificamente a literatura nordestina que aborda a temática psicológica.

Com a realização desta pesquisa, esperamos ter contribuído um pouco para os estudos acadêmicos que abordam a obra de Graciliano Ramos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago – 2. Ed – Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ARISTÓTELES, **Poética**: tradução, prefácio, comentário de Eudoro de Sousa. Trad. Eudoro de Sousa. 5 ed. [S.l]: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3ª Ed, São Paulo: Ática, 1985.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Edusp, 2006, p. 203.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 2000.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. **Graciliano Ramos**: estrutura e valores de um modo de narrar, ed. Brasília, 1975.

GEORG, Lukács. **A Teoria do Romance**: Um Ensaio Histórico-filosófico sobre as formas da grande épica; São Paulo, Editora 34; 2000.

RAMOS, Graciliano, 1892-1953 – **Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios** por Viviana de Assis Viana. – São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura Comparada).

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. Posfácio de Otto Maria Carpeaux, ilustrações de Marcelo Grasmann – 48ª Ed. Rio, São Paulo, Record, 1998.

_____, Graciliano. **Literatura Comentada**. Ed: Abril 1981.

SAMUEL, Roger. Arte e Sociedade. In: **Manual de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 2000.